

Regime: hoje é um dia decisivo

Ulysses e Sarney tentam acordo que grupos ainda não conseguiram

EUGENIO NOVAES

O presidente José Sarney e o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, vão analisar a partir das 11 horas, os temas mais polêmicos da Assembleia Nacional Constituinte, especialmente o sistema de governo, que continua causando grande discussão.

O presidente Sarney, de acordo com o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, já se posicionou contra o presidencialismo imperial, e continua aberto, ao diálogo procurando uma saída para o País. O Governo não tem ainda uma posição sobre a aceitação do presidencialismo, mas observou que pelas informações que tem recebido dos constituintes que procuram o presidente Sarney, este sistema de governo deve ganhar.

As próximas horas serão decisivas para a aprovação ou não da mudança do sistema de Governo. O Presidente reunir-se-á, provavelmente à tarde, com o líder do PFL, deputado José Lourenço (BA), que continua garantindo a maioria para o presidencialismo e, à noite, os parlamentaristas farão um encontro para avaliação final de suas possibilidades.

Presidencialistas e parlamentaristas estão condicionados pelo ultimato do relator da Constituinte, deputado Bernardo Cabral (PMDB/AM): se não houver acordo até amanhã à noite, ele manterá em seu parecer a emenda parlamentarista do senador Afonso Arinos (PFL/RJ), presidente da Comissão de Sistematização, e decidirá a questão no voto.

FÓRMULAS

As sucessivas reuniões e conversas paralelas, sem um representante efetivo do Governo, fazem com que as fórmulas de entendimentos apareçam e desapareçam com grande rapidez. A última, surgida no final da noite de ontem, era atribuída à esquerda do PMDB: O presidente Sarney ficaria os seis anos, cinco como Presidente e o último para implantar o parlamentarismo.

A tarde, a proposta mais considerada era a gradualista do deputado Bonifácio de Andrada (PDS/MG) porque o líder do PFL, José Lourenço, requeria uma cópia para estudá-la. Não sendo a gradualista, seria a do senador Nelson Carneiro (PMDB/RJ), presidente do Grupo Parlamentarista, que concede mais poderes ao Presidente da República.

José Lourenço, aliás, centralizou as atenções. Ele voltou a admitir a possibilidade de concordar com um parlamentarismo clássico, acrescido da exigência de que o Gabinete somente pode ser derrubado quando já estiver definida a nova maioria que o substituirá. Com esse jogo, Lourenço conseguiu a promessa de constituintes do PFL de que se o parlamentarismo não for maioria na sistematização eles passarão a votar no presidencialismo.

No final da tarde, Lourenço, recebeu um telefonema do presidente José Sarney, que voltou a defender o presidencialismo como o melhor sistema para o País. Lourenço comunicou-lhe que dos 133 constituintes do PFL, entre 100 e 110 votarão com o presidencialismo. Sarney ficou satisfeito com esse posicionamento e informou ao líder que o convidaria para um encontro hoje ou amanhã a fim de examinarem a questão.

MANOBRAS

O presidente do grupo Parlamentarista, senador Nelson Carneiro, observou que não há uma consciência popular do que é o parlamentarismo. "Nesse sistema — comentou — não teríamos nenhum Fernando Cesar Mesquita para dizer que o Governo sabe da existência da corrupção mas não tem como puni-la. No parlamentarismo, o ministro acusado de corrupção ou de não punir a existente em seu Ministério tem de dar explicações de imediato à Câmara. Ele acaba sendo derrubado e todo o gabinete participa da questão.



Ulysses dirá hoje a Sarney que os presidencialistas, como eles dois, são minoria na Constituinte

Ulysses: maioria é pelo parlamentarismo

"Eu é que não vou ser a ovelha negra, não é?". A declaração, em tom de confidência bem-humorada, foi feita ontem pelo presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães. Ovelha negra, no caso, significa a postura isolada de presidencialismo diante da tendência majoritária no PMDB pelo parlamentarismo. Foi a primeira vez que Ulysses Guimarães manifestou claramente a disposição de alterar sua posição — até agora presidencialista — sobre sistema de governo.

Ylisses Guimarães também fez questão de desmentir notícia publicada na véspera pelo *Jornal do Brasil*, segundo a qual ele teria advertido que uma posição radical do presidente Sarney em torno do presidencialismo aumentaria as chances de redução do mandato presidencial para quatro anos. "Eu não disse nada disso. Além do mais o presidente Sarney, tanto pelo temperamento pessoal como pela experiência parlamentar, está longe de ser um radical", afirmou.

Habitualmente arredio à imprensa, Ulysses Guimarães demonstrou um interesse especial em passar seu recado político ontem. Para esclarecer a sua inclinação pelo parlamentarismo e evitar intrigas com o presidente Sarney, ele até deixou o amigo e ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, esperando por um longo tempo numa ligação interurbana. O interesse é explicável: Ulysses tinha encontro marcado para hoje com o Presidente da República para discutir exatamente sistema de governo.

O deputado argumentou que, diante de um quadro

político onde as forças parlamentaristas e presidencialistas estão absolutamente equilibradas, é necessário maleabilidade política. E o esforço pela transigência está existindo em todos os setores na sua avaliação, inclusive por parte do presidente Sarney.

"Sempre encontro no presidente Sarney a maior tolerância", observou. Mas deixou escapar: não quer dizer que o Presidente vá ouvir qualquer pessoa... "O importante, para Ulysses, é, até o último momento, esgotar todas as possibilidades para um consenso. Ele sempre manifestou seu receio diante de uma decisão em plenário, que sairia por margem apertada de votos e resultaria num regime com forças já fracionadas.

Outro sinal da mudança de postura do presidente do PMDB foi a defesa de uma "composição" — presidencialismo com instituições parlamentaristas ou parlamentarismo com instituições presidencialistas. Até ontem, em todas as declarações públicas, Ulysses era um crítico ferrenho de qualquer tipo de fórmula mista, que, na opinião dele, herdaria os erros tanto do parlamentarismo quanto do presidencialismo.

Para entender a mudança de Ulysses Guimarães, basta dar uma olhada nos últimos levantamentos sobre o número de presidencialistas e parlamentaristas na Constituinte. Se forem computados todos os partidos, os dois grupos ficam bem equilibrados e é impossível apontar a vitória de um ou outro. Mas, no PMDB, o parlamentarismo ganha numa média de dois por um.

Ulysses Guimarães já havia recebido o levanta-

mento parcial do líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique, que apontava preferência parlamentarista por 121 a 73, faltando chegar a posição dos 65 deputados restantes. Ontem, o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, levou os números dos senadores peemedebistas: 16 parlamentaristas, 11 presidencialistas e dois pelo sistema misto. Os outros 15 senadores não tinham respondido à pesquisa até o momento, mas pelos cálculos de Fernando Henrique, sete deles seriam parlamentaristas.

Satisfeito, o senador disse ontem que a adesão de Ulysses ao parlamentarismo estava acontecendo gradualmente e era inevitável. A explicação para isto é simples: em quase 20 anos à frente do PMDB, Ulysses sempre seguiu a maioria do partido. O senador José Fogaça (PMDB-RS), outro parlamentarista, também disse ver claros sinais de mudança e dava sua versão: "Se Ulysses ficasse com o presidencialismo, ele estaria se unindo aos nossos tradicionais adversários, PT e PDT, e estaria se suicidando como presidente do PMDB".

Mas, apesar do novo colorido parlamentarista, Ulysses Guimarães continuou a defender a emenda preparada por Miguel Reale Júnior, seu assessor jurídico, que institui o presidencialismo com um Congresso fortalecido, e está preocupado com a tendência do PT, que oficialmente se pronunciou pelo presidencialismo, mas já tem defecções parlamentaristas. Pela avaliação de algumas lideranças peemedebistas, os 16 constituintes do PT podem virar o jogo no plenário.

Presidencialistas se dividem

Se a votação fosse hoje, o regime parlamentarista de Governo seria aprovado na Comissão de Sistematização por 52 votos contra 41 para o presidencialismo. E o que indica um levantamento realizado pelo senador José Fogaça (PMDB-RS), relator substituto da Constituinte.

De acordo com o trabalho, além de minoritários, os presidencialistas ainda estão divididos em três grupos praticamente inconciliáveis. O primeiro é comandado pelo líder do Governo, deputado Carlos Sant'Anna, e apóia a emenda Theodoro Mendes; o segundo, do deputado Ulysses Guimarães, defende a emenda Miguel Reale Júnior; e o último, integrado

pelo PDT e pelo PT, prefere manter o presidencialismo nos moldes atuais.

Parlamentarista convicto, o senador José Fogaça alinhou um outro argumento, além do fator numérico, para justificar a sua certeza de que o sistema de gabinete terminará sendo aprovado pela Comissão de Sistematização. Segundo ele, como esta já é a fórmula do substitutivo Bernardo Cabral, serão os presidencialistas — e não os parlamentaristas — que terão que arregimentar maioria para derrubar o dispositivo.

"Eles estão jogando na nossa divisão, quando o raciocínio deve ser exatamente o contrário. Nós já estamos atendidos pelo substitutivo, que consagra

praticamente o parlamentarismo puro. Não precisamos de um só voto para aprovar o que já está no projeto. Quanto aos presidencialistas, dificilmente se uniriam em torno de uma fórmula consensual e, mesmo nesta hipótese, não têm mais de 41 votos na Comissão, seis a menos do que a maioria".

Por este raciocínio, o líder Carlos Sant'Anna pode até ter razão quando aponta a existência de diversas alas entre os parlamentaristas. Contudo, se nenhuma dessas facções tiver 47 votos para impor sua proposta, ainda assim o parlamentarismo seria mantido, nos termos do substitutivo de Cabral.

Brizola quer diretas sem comunistas

Porto Alegre — O ex-governador Leonel Brizola (PDT) manifestou ontem a intenção de organizar um comitê próprio para coordenar a campanha por eleições diretas. A decisão deverá ocorrer na reunião do Diretório Nacional do PDT marcada para o próximo fim-de-semana, mas é difícil reverter esta tendência, reforçada pelas desavenças em torno do sistema de governo (o PDT quer presidencialismo, os partidos comunistas defendem o parlamentarismo).

Brizola não poupou críticas ao PC do B por defender o parlamentarismo, dizendo que "ninguém conscientemente pode se apresentar para a população defendendo este sistema de governo, pois é o mesmo que optar pelo voto indireto". Atacou também o PCB e o PSB, afirmando que eles, como também o PC do B, querem na verdade, voto direto para eleger um presidente simbólico.

Brizola afirmou, inclusive, que o PDT tem capacidade de fazer sozinho comícios muito maiores do que os realizados no Nordeste, com expressiva participação do PC do B. Ele reclamou que nestes comícios os militantes deste partido procuram ocupar todos os espaços, afirmando que "deve ter mãos suspeitas por trás disso, porque eles montam grandes aparatos em comícios pequenos".

Sintoma desta falta de entendimento foi a ausência de Brizola na entrevista coletiva à imprensa convocada pelo Comitê Unitário Pró-diretas do Rio Grande do Sul. Brizola preferiu participar de um churrasco com 15 líderes empresariais, onde admitiu a possibilidade de ser candidato a presidente "se passar o cavalo encilhado, eu monto", afirmou.

O churrasco foi na casa do empresário Ari Lima com a presença do presidente da Federação das Indústrias, Luiz Carlos Mandell, do presidente da Federação das Associações Comerciais, César Valente, diretores da ADVB-RS e também da Associação Gaúcha de Supermercados.

No final do encontro, Brizola disse ter encontrado mais pontos de convergência do que de divergência com os empresários. Ele conseguiu entusiasmar o vice-presidente da Fieergs, Renan Proença, e também Alécio Ughini, diretor do Centro das Indústrias. Já ficou acertada a próxima viagem de Brizola ao Rio Grande do Sul.